O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India..................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1065

30 de Julho de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

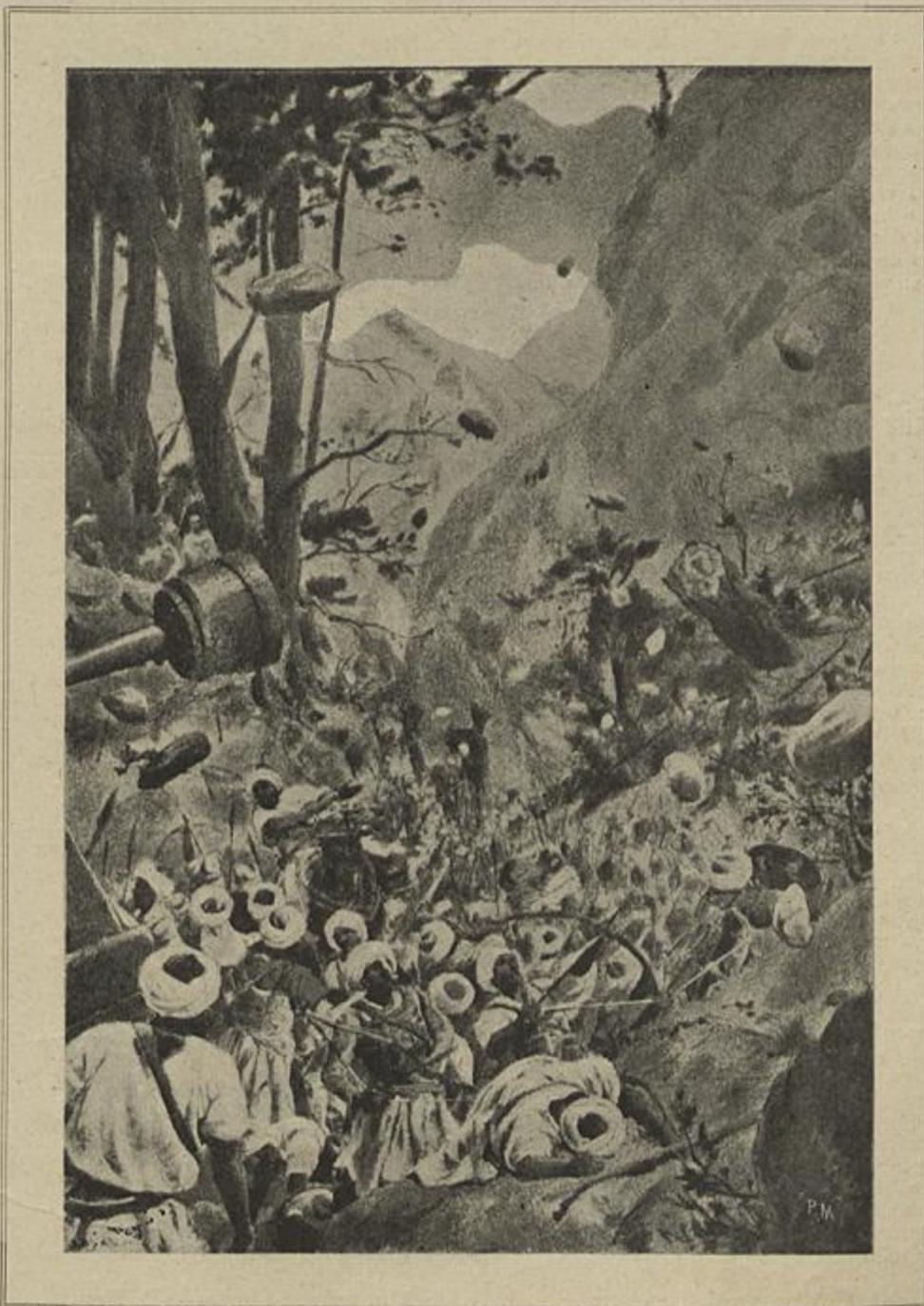
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

D'esta larga janella rasgada de par em par, por onde a vista me foge, e se perde, e se vae a adejar na liberdade dos campos, galgando pomares, hortas e alegretes, na farandola cantante das vêspas e das cigarras — dá-me o bom Deus, em cada nova manhã doirada que a sua infinita bondade manda ao mundo, a mesma intensa alegria d'aquella extraordinaria festa da Laponia, em que o povo saúda, do alto de certa colina d'onde se avista a aurora, o grande Sol que para elle renasce, ao fim d'uma noite que durou dois mezes... em cada nova manhã azul e morna, toda polvilhada de luz, de pollen e d'essa tenissima escama colorida que se desprende das azas das borboletas; em cada nova manhã que me traz uma boa atmosphera desanuviada, e me leva a passeios sem destino e sem horas, sob a folhagem rejuvenescida das acacias, ocioso e calmo, á mesma hora em que na cidade se inicia a agitação da gente, do comercio, dos mercados, das fabricas, para a vida de um novo dia prometedor e risonho...

A esta primeira hora da manhã, já quando o sol fundiu e dissipou todas as brumas, como faz frio ainda, vae toda a gente do lado d'onde mais bate o sol, levando ou trazendo seus cabazes cheios, carnes sangrentas, viçosas hortaliças, peixes reluzentes. Ha raparigas frescas e sádias, rijas e direitas, saias curtas de lã urdida em estôpa, perna nua, boquinha gorda, nariz arrebitado, que nos fazem saudades, em seu ar alegre e radiante de festa, de romarias do Minho, fogueiras de S. João. Ha meia duzia de soubretes irrequietas e lepidas, loiras e em cabelo muito bem penteado, vestido preto, aventalinho branco, cintura fina, pé muito leve, cabeça mais leve ainda, e uma ligeireza, uma subtileza, uma graça, que recordam sete horas d'uma manhã jovial de Paris, nos arredores turbulentos e singulares das hales. Ha outras, outras d'um diverso tipo, esbeltas e garbosas, cabelos negros, olhos ramalhudos, dentes aguçados, pé pequenino, traçando na cintura o chaile de ramagens, trauteando a meia voz algum languido estribilho de zarzuéla, que nos transportam em espirito, num sonho de tres segundos, ás margens do Manzanares. Tudo se agita, tudo se remexe, tudo vae e vem, em torno dos mostradores das locarejas, dos açougues, das floristas, das galinheiras, fazendo preços, achando caro, passando adeante, com ironias, com gargalhadas, com pragas, fingindo que não querem mas voltando atrás, comprando sempre, desperdiçando um tempo precioso n'essa interminavel discussão de regateiras açuladas, emquanto dura esta operação habitual de todas as manhãs, que consiste em esvasiar o mercado á proporção que se enchem os cabazes. Abrem á pressa as lojas alguns retardatarios; e os garotos insuflam pelas frinchas das portas as noticias frescas nas folhas ainda humidas. Costureiras e caixeiros trocam seus primeiros olhares enternecidos, quando ellas passam a caminho da modista, e tiram elles os taipaes ás montras dos armazens. Especado a uma esquina, ou contra um candieiro, lê um moço de fretes o *Seculo* em voz alta a outros que o escutam; e já se ouve perto, ao fim da outra rua, a campainha intermitente da carroça do lixo, parando de espaço a espaço, pondo-se em marcha de minuto a minuto. Passam, vergando ao peso do Epifanio atroz, creanças atormentadas para a instrucção primaria, e fedelhos de calça aberta para as primeiras letras. Fava rica... Miudezas de vaca... O *Popular*... o *Illustrado*...

E' n'uma ou n'outra rua de bairro novo menos concorrido, que predomina a essa hora o tilintar agreste das cabras que dão leite, inquietas e dispersas, rebuscando nos intersticios da calçada algumas hervasitas que triturem. Fala-lhes o leiteiro como quem fala a amigos, e a um certo signal esta ou aquella se chega e se quieta, e deixa que da têta prodiga lhe escorram o leite espesso e doce, na farta caneca azul, vidrada e reluzente, d'onde irá passar aos labios soffregos d'uma certa pessoinha bem creada, que agora ainda resona no seu berço tepido e fôfo, e não tardará a bebê-lo d'um só trago, os olhos mal abertos...

Paulo e Virginia, Romeu e Julieta, Fausto e Margarida, todos os grandes amorosos do romance e da lenda, passam aos pares, enlaçando-

A BATALHA DE COVADONGA
QUADRO HISTORICO DE L. PELLICER

se as cinturas, pelos atalhos relvosos e macios, sob o arvoredo frondoso d'esse bosque imaginario para onde fogem agora, buscando a sombra e o fresco isolamento, refugiando-se da calma que pesa sobre Lisboa, as dôces filhas do Tejo e os apaixonados trovadores da Alfandega, os bardos insubmissos das Contribuições Directas...

Verão excita Amor, e os cupidos bréjeiros, seus sequazes, seus pagens e seus arautos, acorrem de toda a parte por onde andavam dispersos, vêm pressurosos juntar-se ao cortejo magnifico das graças vaporosas, dos sentidos irrequietos, dos peccados côr de rosa; e uma vez prompto a rodar o carro d'oiro do deus, todo coruscações, eis que em marcha se põe, atravessando a cidade e a caminho dos campos, das thermas e das praias, o cortejo triumfal, que em cada novo anno reaviva a doce alliança, victoriosa sempre, do Verão e do Amôr!

Todas as boas e galantes alegrias, todos os frescos e luminosos simbolos se encorporam na opulenta marcha, cuja guarda avançada de cupidinhos nús cavalga alegremente um esquadrão fogoso de borboletas azues.

Vam as toilettes claras em corpos juvenis de mulheres involtas, como a Loie Fuller, nos remoinhos perfumados das rendas e das musselinas; vam os fatos ligeiros de fustão branco e liso, que os janotas vestem com grandes laços berrantes de gravatas; vam os leques e os abanicos, febril, graciosamente agitados entre dedinhos ageis e papudos de japonêsas e sevilhanas; vam os cannotiers de palha enfeitados de papoulas rubras, os chapelinhos redondos de linho, amarello ou branco, de Biarritz. Vae o carro da Neve, em fórma de sorvete, rodeado de fructas novas, cheias de côr, de gosto e de perfume. Vae o bock espumoso, a carapinhada loira, o capilé popular. Seguem as bilhas airosas e os delicados moringues d'agua fresca, as anafadas melancias á faca e os penujosos pecegos. Vem o baile campestre cheio de musica alegre, balões venezianos e desordens; vem a vindima côr de mosto, emergindo de um enorme cesto de uvas, engrinaldada de parras como Baccho, distribuindo cachos; vem o banho do mar em calção de malha riscado de vermelho; vem a regata com seus remos de oiro; vem o *criquet*, vem o *lawn-tennis;* vem a zarzuela e vem a serenata por noites de luar...

João Prudencio.

A recita de homenagem a D. João da Camara

LUX PREPETUA

Quanta luz! Quanta saudade! n'aquella noite em que amigos e admiradores ali se reuniram a prestar homenagem á memoria do poeta, no templo da Arte que o foi tambem de suas glorias.

Quanta luz! a do seu talento transluzindo na obra do dramaturgo, que vimos prepassar na cena: *Os velhos, A triste viuvinha, A Rosa engeitada*, folhas desprendidas da sua corôa genial, toda entretecida das flôres daquella alma boa e generosa,

«...... pois cabia tudo
No coração piedoso do poeta.»

assim diz Lopes de Mendonça, na *Lux prepetua*.

Quanta saudade! A de nós todos que o amámos; a minha que me acompanha como elle me acompanhou durante tantos annos, que mais não foram porque eu fiquei, velho, e elle morreu, novo.

Mas se Deus a vida lhe encurtou neste mundo, sua memoria fica e vivirá tanto, tanto na sua obra, quanto a lingua em que a escreveu.

Consolação de poetas de quem Deus se amerceia levando-os deste mundo, cujas miserias tanto os confrange, quer se ocultem sob o oiro, como a peçonha no calix da flôr venenosa, ou que á vista se patenteem como chagas sociaes que não pódem curar.

Almas de eleição, feitas de amor e bondade, assim foi a de D. João da Camara,

«Alma que desprendeste
O alor do mundo escasso,
Possas, á luz celeste
Voando pelo espaço,
Sentir a nossa dôr!

Dulcissima, envolver-nos
No mel do teu carinho,
Dar em teus olhos ternos
Brandura a cada espinho,
Perfume a cada flôr!»

E' outro poeta que assim evoca a alma do poeta que do mundo se partio. E' Lopes de Mendonça que com elle colaborou, a quem intima amisade prendia em estreitos laços, e quanto sentiu sua morte o diz na Ecloga que lhe dedicou *Lux Perpetua*, recitada pelas atrizes Virginia e Laura Cruz, duas pastoras, *Silvana* e *Delia* e pelos actores dos personagens das peças de D. João da Camara; o Braz dos Cães, do *Affonso VI*, a Narcisa, de *Os velhos*, Cesario e Lucrecia, da *Meia Noite*, José, do *Pantano*, *A Rosa engeitada*, e D. Fuas do *Alcacer Kibir*.

Ali os vimos prepassar ao fundo da cena como fantasmas, que pouco a pouco se foram difinindo

D. JOÃO DA CAMARA

Retrato desenhado por Columbano para a recita de homenagem ao poeta, no theatro de D. Maria

e ao proscenio vem saudar o retrato do poeta donde dimana um foco de luz suave.

Discorrem singelamente as duas pastoras, vendo aproximarem-se as personagens

SILVANA

Vês? Nem magnates vãos, nem capitães,
Nem reis, nem ricos que a soberba invade,

Nem damas com seus asperos desdens...
Tudo humilde! Na frente já diviso
Simão Peres, e o pobre Braz dos Cães.

DELIA

E seguem, como um virginal sorrisso,
Os dois noivos gentis da *Meia Noite*.
E mais além, com seu gesto indeciso,

Sancha Mocho, buscando onde se acoite,
Como aos clarões da aurora algum morcego.

SILVANA

Trava-lhe o braço, para que se afoite,

O caduco prior, tropego e cego,
E a candida velhinha após desponta,
Que enche a neta de afagos e conchego.

Além o velho servo, que amedronta
C'os agouros do Pantano, caminha,
Abanando a cabeça branca e tonta.

DELIA

Avulta no tropel, que se avisinha,
A Rosa, flôr da podridão das ruas,
E a flôr campestre, a Triste Viuvinha,

E apruma-se a figura de D. Fuas.
Escuta ainda! Ao sonhador tão nobre,
Que as angustias humanas tornou suas,

Vae o pária dar luz, grandeza o pobre.

Lopes de Mendonça deu á sua ecloga toda a simplicidade pastoril da poesia grega, sem prejuizo da elevação do poema, que o publico escutou atento e cobrio de aplausos, entre as flôres, que no palco cahiam, glorificando o autor e os actores pela justa homenagem prestada á memomoria do poeta querido.

Caetano Alberto.

A BATALHA DE COVADONGA

Tendo acabado a monarchia wisigothica com a batalha, que se feriu nas margens do Guadalete, os guerreiros christãos, sem rei e sem esperanças de poderem oppor-se ás numerosas forças arabes, depois de aniquilados pela traição de seus proprios irmãos — *os renegados* — se acolheram — uns ás asperas gargantas dos Pyreneus, outros ás montanhas da Cantabria, e os restantes a parte da Galliza e Asturias.

O emir Ayub, governador valente e altivo como todos os seus pelos repetidos triumphos que tinham alcançado, mandou que os arabes avançassem e acommettessem sem treguas os montanhezes celtas e os wisigodos fugitivos.

N'esta conjuntura parece ter sido inevitavel o seu appello ao infante de Hespanha, D. Pelayo, a quem desde logo elegeram para chefe e iniciador da reconquista.

Em torno de Pelayo se reuniu aquelle punhado de bravos na gruta de Covadonga, situada actualmente no termo jurisdicional de Cangas de Onis, provincia de Oviedo, no anno 718; e com um heroismo e uma fé, sem egual, se prepararam para a reconquista, apercebendo-se para a guerra.

Sua attitude não passou despercebida pelos sarracenos: e, para este fim, Allahamah, logar tenente da wali-Alahorr, pôz-se á frente do grosso do exercito, e marchou contra os christãos.

Alguns historiadores opinam, que o numero dos arabes se elevava a 187 mil, mas attenta a falta de elementos seguros, que justifiquem similhante asserto, parece-nos tão exagerada esta cifra, que aconsideramos menos exacta.

O exercito de Pelayo compunha-se d'uns mil combatentes, que ao saber da aproximação do inimigo, os fez distribuir entre a cova, suas immediações e alturas, occupando os naturaes as cumiadas.

O inimigo, concentrando as suas forças, em um estreito valle, se collocou por forma que Allahamah se achava em frente dos christãos, — frente que não era maior que a d'estes, emquanto que os flancos dos arabes pareciam expostos aos ataques dos emboscados nas collinas lateraes.

N'estas condições começou o famoso ataque, cuja celebridade nunca se apagará da mente dos homens.

As frechas dos arabes repercutindo na rocha produziam ferimentos mortaes conjuntamente com as que os christãos despediam da gruta contra os infieis.

Por seu turno, aquelles que se achavam entre as brenhas manejavam enormes penedos e grossos troncos d'arvores, que resvalando pelas quebradas, vinham esmagar o inimigo, causando-lhes medonho destrôço e pondo-o em debandada.

A'medida que isto os desalentava, recrescia o vigor dos christãos, que com fé ardente combatiam por Deus e pela patria.

Mostrava-se já claro o signal da victoria em favor dos heroes de Pelayo; quando Allahamah, vendo succumbir um companheiro, ordenou, movido de terror, a retirada, que em taes condições devia necessariamente ser funestissima.

E de facto assim succedeu, já pondo em confusão os vencidos, que uns aos outros se atropellavam por aquelles valles, já pelos damnos que os vencedores lhes causavam do cimo dos montes, e sobretudo pelos effeitos da terrivel tempestade que se desencadeou furiosa n'aquelles momentos.

As aguas torrenciaes, que se despenhavam dos montes, arrastavam penhascos e troncos sobre os musulmanos que fugiam aterrados; o solo resvalava-lhes debaixo dos pés; e, buscando, em confuso tropel, a salvação na fuga, encontravam a morte, ou esmagados pelos rochedos, ou afogados nas correntes que affluiam ao rio Deva.

N'estas circumstancias, dominados pelo terror, e sobretudo pela exacerbação supersticiosa, foram acommettidos com tal vehemencia pelos christãos, que poucos foram os arabes que salvaram a vida.

O triumpho dos christãos foi glorioso e completo, e a victoria de Covadonga o preludio d'aquella titanica lucta de oito seculos, que teve por epilogo a conquista de Granada.

(Trad.)

LINO J. F. DA COSTA.

A campanha do Cuamatu

Conferencia pelo commandante Alves Roçadas

(Concluido do numero 1063)

O momento critico

Voltei-me para o interior do quadrado e deparei com a massa dos 31 carros boers firmes, espanas engatadas, mais de 600 bois socegadamente ruminando, impassiveis aos destroços que já lavravam entre elles.

Comprehendi que seria forçado a acampar ali, pois que o inimigo implacavel não daria a luta por terminada nem mesmo á noite.

Fui á face da direita (2.º escalão, commandante Patacho), mandei avançar para o matto; após umas descargas de pé, carregou toda a linha.

A face da retaguarda (4.º escalão, commandante Araujo), tentou tambem carregar no matto que lhe ficava em frente a uns 200 metros.

Entretanto deu ordem para se construirem as trincheiras do acampamento no proprio local do combate.

As segundas fileiras largam as armas, e, sob o fogo do inimigo, começam a traçar o alinhamento das faces e a encher de terra os saccos vazios; as primeiras fileiras e a artilharia continuam a responder.

N'este meio tempo, o sub-chefe de estado maior Mascarenhas pergunta-me se póde carregar a cavallaria; respondo que sim, e vou ver desfilar os esquadrões.

Foi um movimento bello.

O 2.º esquadrão (lanceiros) na frente, sae a trote, seguido pelo 1.º; são 200 cavalleiros que se precipitam pela porta que lhes abre o 4.º escalão, e correm direitos á libata, de onde o fogo fôra mortifero, acabam de a limpar de inimigos, seguem a galope através da matta, levando deante de si o adversario.

Tinham ordem para não excederem o raio de acção de 2 kilometros.

Cabe a vez de carregar ao 3.º escalão (commandante Schiappa). Os valentes disciplinares, 14.ª indigena e uma secção Cánet, avançavam denodadamente para a orla fronteira, internam-se no matto, cobrindo-o com fogos por descargas em todo o horisonte.

Acompanho-os n'este movimento. Excellentes soldados para o combate.

Relegados da sociedade por defeitos de caracter ou por defeito das leis, não perdem nunca as tradiccionaes qualidades que tornam o soldado portuguez o primeiro da Europa: — bravura, sobriedade, abnegação e desprezo pela vida,

Anciedade satisfeita

E' quasi uma hora da tarde Lutamos ha mais de tres. A cavallaria ainda não recolheu.

Mas a onda inimiga, após a passagem dos 200 cavalleiros e as cargas da nossa infantaria, afflue de novo. Novas cargas de infantaria se succedem.

Já passa de uma hora e o inimigo parece estar exgottado.

O seu fogo cessa em alguns pontos; não admira, a resistencia é heroica e tenaz.

Os fogos pausados e certeiros do 1.º escalão (commandante Sepulveda), todo constituido por soldados expedicionarios (marinha e infantaria 12), devem-lhes ter produzido muitas baixas.

Os projecteis da bateria Erhardt disparados como em um exercicio hão de causar-lhes pavor com o horrivel dos effeitos.

As secções Canet e metralhadoras, que sempre acompanham a infantaria nas cargas, devem-lhes ter dizimado as massas que a retaguarda, no interior do matto, aguardam o momento de cairem como aves de rapina, sobre «a canalha dos vermelhos», como nos chamavam.

Capacitaram-se talvez de que já não havia outro 1904.

A' uma hora e trinta minutos entravam os esquadrões no quadrado; tendo batido toda a floresta.

As trincheiras de saccos estão promptas, os escalões começam a abrigar-se.

Mas o inimigo, ainda não desiste. Atiradores escolhidos postados atraz de moitas, dos morros de salalé e nas copas das arvores fuzilam-nos, alguns quasi que á queima-roupa.

Ordeno que saia um pelotão de marinha. E' o 3.º do commando do 2.º tenente Martha; passo cadenciado como em parada, lá vão direitos ao seu destino.

Um pelotão não basta; sae outro, o 1.º, e ainda outros que em accelerado reforçam os anteriores.

Mando sair de novo o 2.º esquadrão que n'uma carga brilhante varre toda a matta da direita. Acossados por numerosos atiradores inimigos, não perdem o animo os destemidos lanceiros, e pelas 3 horas da tarde entram no acampamento em columna de tres; o seu valente commandante Martins de Lima á frente, lanças perfiladas e ao som da marcha de guerra. Todo o quadrado os recebe com palmas e hurrahs!

O fogo do inimigo já se limita a fogos isolados de atiradores a que respondem os nossos atiradores especiaes.

Assim nos veiu encontrar a noite — protectora ou traiçoeira? Deus quiz que fosse protectora. Deus sim, porque debaixo d'este symbolo, nós christãos, comprehendemos tambem o que ha de bello, de sublime e de heroico em nós mesmos os homens, obra prima do Criador.

Tal foi o combate do Mufillo, verdadeira batalha como tive a honra de dizer em telegramma a sua ex.ª o ministro da guerra.

Custara-nos cara a victoria: — 13 europeus mortos, dos quaes um official, 2 indigenas e 55 feridos.

Mas ganharamos a gloria. Desfizeramos a lenda terrivel do Cuamatu, que tanto affrontava a nossa dignidade, o nosso brio, a nossa velha fama guerreira.

«Já não eram invenciveis os cuamatuis» — 1 contra 20 inimigos; que importava, se esse 1 era soldado portuguez.

Outr'ora batalhámos 1 contra 10, 1 contra 20 e até 1 contra 100 e venciamos, porque então, como agora, tinhamos o mais completo desprezo pela vida; o morrer pela patria, constituia, como hoje ainda, um premio, porque é uma gloria.

. . . .

Victoria!

Em 28 punhamo-nos em marcha para a Inhoca, onde havia grandes e excellentes reservatorios de agua e bellos pastos para gado.

Calculei sempre que a posse d'esse ponto seria renhidamente disputada.

Entrámos primeiro n'uma extensa matta de arvoredo por vezes bastante denso, onde foi necessario recorrer ao machado. O inimigo, na fórma do costume, ladeava-nos com fogos. Mas todos notámos que o tiroteio não tinha a intensidade dos dias anteriores. Talvez nos aguardassem junto ás cacimbas.

A's 9 horas da manhã avistavamos, á esquerda, lá ao fim da floresta, um frondoso arvoredo, qual oasis de verdura, no meio da passada monotonia.

E' a Inhoca diz-nos Caripalula. Avança-se com cautella. Alguns soldados do 1.º escalão (escalão da frente) dizem que se avista gentio entre as arvores. Mando apontar uma peça Erhardt; fazem-se dois tiros cujos projecteis caem mesmo no tufo de verdura. Mexe-se a colmeia. Partem de lá os primeiros tiros a que mando responder com descargas feitas de pé. Em seguida avança-se até certa distancia e mando a todo o 1.º escalão (marinha e infantaria 12) que tome as cacimbas á bayoneta.

Immediatamente a nossa infantaria carrega soltando grande vozearia e, n'um instante coroam as pequenas cristas de terra revolta do que outr'ora fôra as cacimbas de Chieta-Quella.

O inimigo, espavorido com o atrevimento e impeto dos nossos soldados, fugia desordenadamente. Entre os fugitivos viram-se dois cavalleiros vestidos de kaki.

* * *

Nunca assisti a maior prazer do que ao do soldado e do proprio gado em volta d'estes enormes depositos, verdadeiros lagos ensombrados por frescos e frondosos munhandes.

. . . .

Parecia um pedaço da nossa saudosa Cintra.

Uns enchiam os sacos de agua, outros saciavam logo a sede; outros, já tudo arrumado no bivaque, munidos de canna, linha e anzol, experimentavam se tinham ainda paciencia para a pesca dos numerosos *bagres* que se viam saltar.

Os bois dos carros quasi que se afogavam ao internarem-se nas cacimbas; os cavallos até parece que lhes mudava a pelagem cujo brilho perdido reapparecia.

Ahi pelas 11 horas, avista-se ao longe, para os lados de onde devia ficar a emballa, uma enorme e negra columna de fogo. Varias conjecturas se fazem; seriam os auxiliares, perguntava-se? Não póde ser, diziam, pois ninguem saira do bivaque. Que será? que não será? e tudo voltou á indifferença do acampamento.

Mal sabiamos nós a essa hora, que era a embala a arder! a embala do Cuamatu Pequeno, a Maghogo mysteriosa das cartas, essa residencia de Igura, que nos inflingiu o desastre de 1904 e já nos repellira em 1891; essa residencia do actual soba Chieta-Quella (vou experimentar) e que tanta confiança tinha em si e na fama das suas hordas, que preferira defrontrar-se com o Mueneputo a acatar os concelhos de Chaula, o seu visinho do Cuamatu Grande.

Fôra o caso, como depois soubemos da bocca dos proprios cuamatuis, que os guerreiros do soba repellidos da Inhoca, pelas nossas bayonetas, fugiram a pés de cavallo, julgando, parece, que nós iamos no seu encalço até á embala que distava uns 11 kilometros.

As mulheres e gente, que ali tinham ficado cozinhando o seu pirão, ao verem chegar os fugitivos gritando — ahi vem o branco, ahi vem o branco! — fugiram tambem espavoridas. Casualmente os tições d'esta ou d'aquella fogueira espalharam-se, e, rolando para junto dos paus secos da estacaria, pegaram-lhe o fogo. Immensa labareda se ateou, e, quando alguns dos que fugiram pretenderam acudir e sustar o incendio, já não foi possivel.

Debaixo d'esse cinzeiro encontramos nós no dia seguinte varios despojos de 1904, cartuchos detonados e espingardas inutilisadas.

Tal foi a campanha do Cuamatu Pequeno, a mais rude como era de prever. Durara um mez e causara-nos 167 baixas, sendo 42 mortos.

Começado o forte, que teve o nome de sua alteza o principe real, em homenagem á sua visita ás colonias, e abastecido convenientemente, emprehendeu-se a conquista do Cuamatu Grande, que nos custou muito menos, como era natural, mas ainda assim tivemos 3 mortos e 14 feridos.

* * *

Tal foi o desfecho d'esta curta e gloriosa campanha que tanta politica gerou, tantas questões jornalisticas provocou, alguns trabalhos litterarios promoveu e a tantas suspeitas e receios deu logar, já mesmo depois que para as nossas armas brilhara o sol victorioso do Mufillo.

ALVES ROÇADAS.

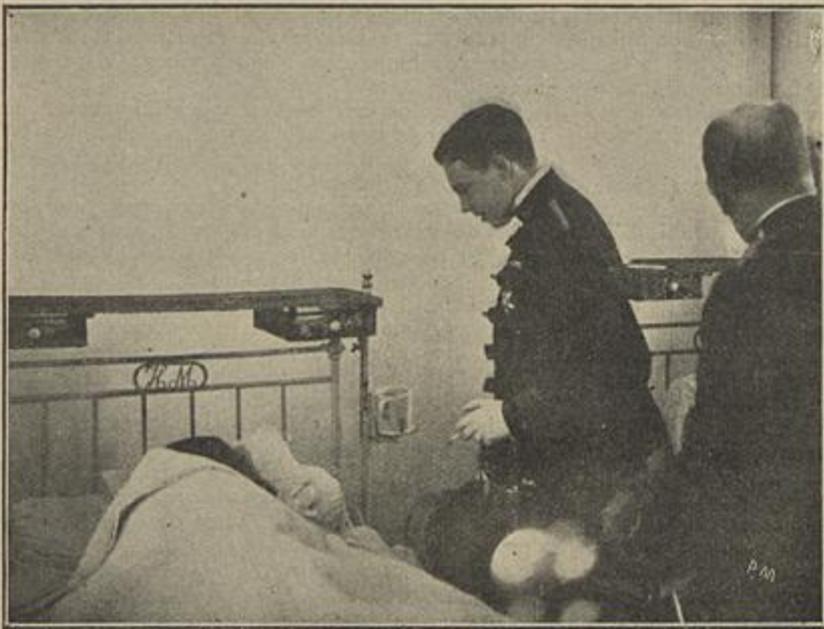
AS THERMAS DE PORTUGAL

PEDRAS SALGADAS

Estamos no tempo de uso das aguas que chega com os primeiros dias de calor que precedem o verão, e logo os aquistas fazem as malas e vão procurar, nas estancias thermaes, alivio a seus achaques, que tanto as aguas lh'os debelam, como a puresa do ar das montanhas donde ellas brotam.

E tem por onde escolher em Portugal, tanto ou mais preciosas que as do estrangeiro, sem já haver a desculpa da falta de bons hoteis, porque os ha tambem em boas condições de comodidade e goso nos nossos estabelecimentos thermaes.

Uma das estancias de aguas que mais se recomenda no país, é a de Pedras Salgadas, tão conhecida que ocioso é encarecer sua superioridade, largamente comprovada por milhares de pessoas que ali tem encontrado remedio eficaz para suas doenças, fama que vem quasi de meio seculo, tempo decorrido desde que aquellas aguas estraram numa exploração regular pela empresa denominada *Companhia das Aguas de Pedras Salgadas*, sob a proficiente direção do sr. conselheiro Henrique Maia.

Não é a primeira vez que nos referimos ás *Aguas de Pedras Salgadas*, e a pag. 162 do

El-Rei informando-se do estado do soldado de infanteria 13, José Bernardo que tomou parte na campanha da Guiné

El-Rei recebendo um memorial do soldado reformado que pede auxilio por não lhe chegar o soldo para sustentar a familia

VISITA DE S. M. EL REI D. MANUEL AO HOSPITAL MILITAR DA ESTRELLA

(Instantaneos Benoliel)

Sargentos Lima, Cardoso e Pessoa — Alferes Roque Maria Teixeira

1.º sargento Lima — Capitão Araujo — Alferes Teixeira — Capitão Gonzaga — Tenente-coronel C. Macedo — Tenente-coronel Castro e Solla — Presidente Coronel M. de Lima — Dr. E. da Costa — Dr. Antonio Macieira — Tenente F. Martins

O CONSELHO DE GUERRA PARA JULGAMENTO DO ALFERES TEIXEIRA E SARGENTOS LIMA, CARDOSO E PESSOA, IMPLICADOS NA MALOGRADA REVOLUÇÃO DE 28 DE JANEIRO

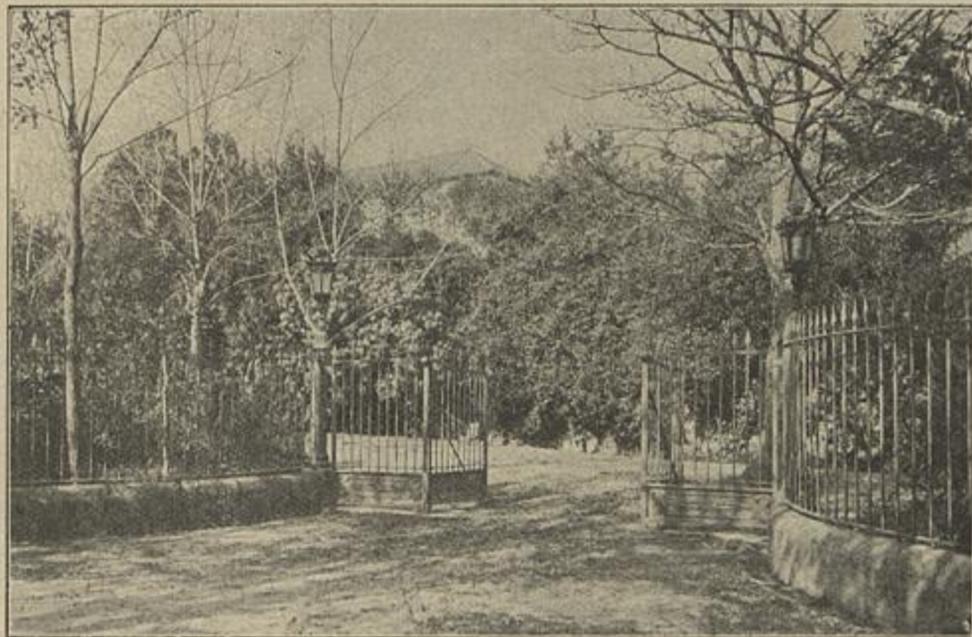
(Clichés Alberto Lima)

Constituido o tribunal, promovida a accusação pelo promotor sr. tenente-coronel Alexandre Sarsfield e produzida a defesa pelos srs. dr Antonio Macieira e tenente-coronel Castro e Solla, defensor oficioso dos reus, foram condenados: o alferes Roque Maria Teixeira a 4 annos de presidio militar e com a acessoria de inhabilidade de ser promovido, salvo por distincção e em campo de batalha; o 2.º sargento Antonio Valerio Cardoso, a 3 annos e 1 dia de presidio militar com acessoria de 3 annos de deportação militar e baixa de posto. Absolvidos os sargentos Joaquim Antonio de Almeida Lima e João Bernardo Pessoa.

As Thermas de Portugal—Estancia das Aguas de Pedras Salgadas

vol. 30.º do OCCIDENTE de 1907, acha-se publicado um estudo sobre estas aguas, cujas nascentes, em numero de oito, tem aplicação especial a diferentes doenças, como a *lithisia renal*, a *gotta, herpetismo, anemia, escrofuloso, bronchites cronicas, areias uricas, darmatose, diabete*, etc.

Mas se notaveis são os recursos therapeuticos destas aguas, não menores são as belesas do logar onde se encontram e para mais o retiro e ar puro que ali se respira, o que tudo concorre para refazer o organismo.

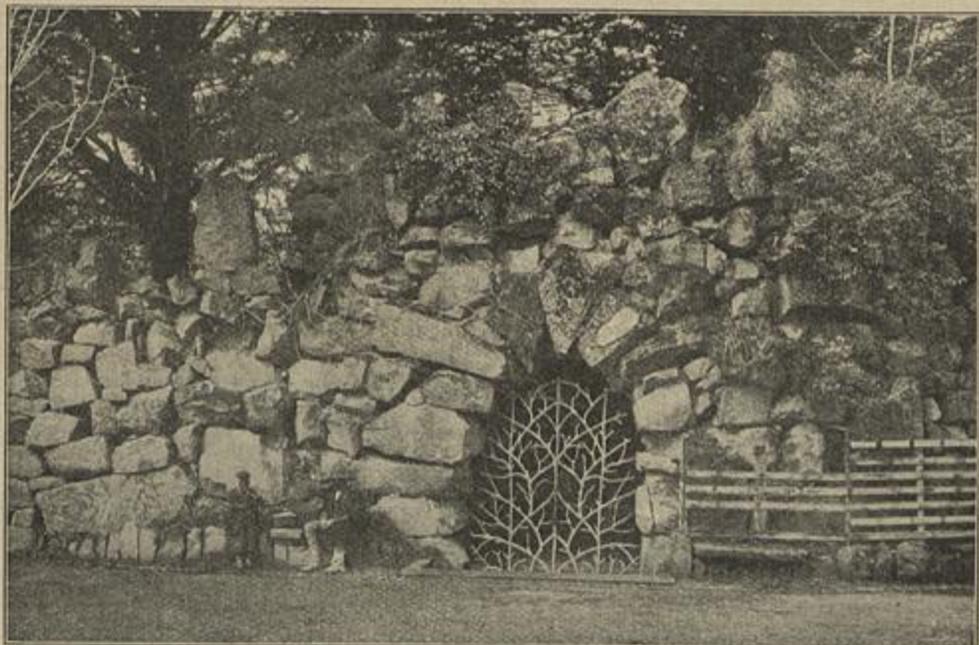
A Estancia d'Aguas de Pedras Salgadas é hoje servida por quatro bons hoteis: o Avellames, o Grande Hotel, o Hotel do Norte e o Central, havendo no Hotel do Norte um Casino, ponto de reunião dos aquistas, onde se realisam bailes, concertos e outros espétaculos.

ENTRADA DO GRANDE PARQUE

Nos ultimos dois annos, o falecido rei D. Carlos fez ali a sua estação d'aguas, tendo o anno passado ido inaugurar o caminho de ferro de Villa Real a Pedras Salgadas.

Este grande melhoramento facilita extraordinariamente o transporte áquella Estancia do que antes era. Basta tomar no Porto o comboio do Douro até á Regua e d'ali seguir no caminho de ferro de Chaves, por Villa Real até Pedras Salgadas, e teremos grande economia de tempo, de dinheiro e maior comodidade.

Aquelles de nossos leitores que fazem uso de aguas thermaes, é afivelarem suas malas e partirem no comboio por esses campos fóra, que elle os levará até á deliciosa Estancia sem mais incomodos, a refazerem-se da vida gasta nas suas labutações, permitindo-lhes uns bellos dias de descanço entre os cuidados da therapeutica, e o vivificante ar da montanha, rico e puro, sob a sombra amiga das arvores seculares estendendo seus ramos protetores por sobre a terra, onde a vegetação alastra em perenne verdura matisada das giestas como esmeraldas ou de medronhos como rubins.

E então nas frescas manhans, orvalhadas ainda do rocio da madrugada, ou nas tardes amenas quando o sol vae a descer, franjando de oiro rubro as nuvens que sobem, é ver passear os ranchos de aquistas pelas avenidas ensombradas de arvores, onde os passaritos chilream á beira dos ninhos despedindo-se do dia que vae a findar e saudando a lua, que modesta e branda surge no ceu com sua luz suave. Felizes dos que pódem gosar estas delicias!

UMA VISTA DO PARQUE EM FRENTE DO GRANDE HOTEL

GRUTA MARIA PIA

NASCENTE DO PENEDO

(De fotografias)

Pedras Salgadas — A grande Avenida das Nascentes

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1063)

VII

Decorreram duas semanas, e chegou o mez de maio. A' beira das muitas ilhas longas filas de rosas bravas e madresilvas pendiam sobre a agua, e os estreitos canaes que as separam eram tunneis de flôres e verdura; nos baixios luminosos milhares de gaivotas de azas brancas pescavam e banhavam-se todo o santo dia; e nas egrejas, em torno dos altares, por baixo dos anjos de azas denegridas de Tintoretto, e dos cherubins de cabellos côr de ouro de Tiepolo, agrupavam-se as azaléas, os lirios e os jarros.

Estavam ainda as noites frias, mas os dias eram quentes, e depois do meio dia o calor excessivo. Veronica Zaranegra passava quasi todo o tempo sobre a agua. Havia um pomar n'uma ilhota, propriedade da familia, para além de Mazzorbo; no seculo passado tinha sido lá edificada uma pequena casa ou pavilhão de verão, com uma cupula de telhas vermelhas, semelhante a um cortiço, e ainda lá estava; uma galanteria ainda formosa, comquanto estivessem desbotados os frescos das suas paredes, e carcomidos pela incessante lavagem do mar os degraus de marmore do caes; tinha pecegueiros, ameixoeiras e pereiras, e dava para oeste. Ahi vinha ella muitas vezes almoçar, tomar chá á tarde, ou uma merenda de dôces de fructa com vinho, e era frequentemente acompanhada por uma alegre sociedade de venezianos da sua edade, e pelos dois extrangeiros que lhe haviam restituido as opalas. Tempo secco e radiante; as gondolas deslisavam como andorinhas nas lagunas; era rica, parecia uma creança, e era apaixonada pelo prazer; tentava restaurar o viver do seculo desoito, e divertia-se a reviver os seus habitos, o seu trajar, as suas comedias, como haviam sido antes das tempestades da revolução, primeiro que os rolos de fumo da guerra passassem por sobre os Alpes, e Arcola e Marengo fizessem emmudecer o riso da Italia.

— Quizera ter vivido quando este collar era novo — disse ella quando os joalheiros lhe trouxeram as opalas tornadas ao seu pristino fulgor.

— A vida em Veneza era então uma longa festa; li isso. Tudo eram mascaras, serenadas, vida de côrte e magnificencia. Não se philosophava então sobre a existencia; vivia-se. Nina Zaranegra era uma linda mulher. Está nas Bellas Artes o retrato de ella, pintado por Zucchi. Segura uma rosa nos labios, e ri-se. O marido matou-a por causa de uns amores. Tinha essas opalas no collo quando elle o atravessou com o stiletto. Pelo menos, Carlos assim costumava contar-m'o. Mas talvez não fosse verdade.

— Não as useis — disse Andreis, com quem ella estava falando. — Não as useis, se estão manchadas de sangue. Bem sabeis que são pedras de tristeza.

Ella sorriu-se.

— Vós, os sicilianos, sois supersticiosos. Nós, cá do norte, não o somos. Gosto de as trazer por essa mesma razão da sua tragedia.

Pegou no collar, e pôl-o no pescoço; alguns feixes do seu cabello prenderam-se-lhe no fecho, e ella soltou um pequeno grito de dôr involuntario. Andreis apressou-se a desprender-lhe o cabello. Tremia-lhe a mão, encontraram-se os olhos de ambos, e disseram muita coisa entre si. Damer, que estava perto, approximou-se mais.

— Vi o retrato nas Bellas Artes — disse elle. — A condessa Nina mais a sua rosa symbolisa o silencio, mas tem o aspecto de uma mulher incapaz de guardar até os proprios segredos. Na verdade, uma mulher encantadora é sempre *bavarde comme les pies*, como dizem os francezes.

— Desprezaes as mulheres — disse Veronica Zaranegra, vexada.

— Oh! não. Mas não confiaria n'ellas mais do que confiaria a uma creança um delicado instrumento scientifico.

— Nem sequer a uma mulher que amasseis?

— Ainda menos a uma mulher que amasse.

— Sois um sabio mysterioso — disse ella, um tanto impacientemente. — Consideraes-nos como se fossemos, com effeito, creanças incapazes de toda a comprehensão.

Damer não disputou a accusação.

— Dissestes — perguntou elle — que o formoso original d'aquelle retrato foi assassinado pelo seu marido?

— Sim, e elle até não lhe consentiu ter sepultura christã, mas fez transportar o cadaver para o canal Orfano, e atiral-o á agua com uma grande pedra atada aos pés.

— Era primitivo — disse Damer. — Esses meios de vingança são grosseiros, rudes.

— O que farieis vós?

— Não o saberei dizer; mas não teria destruido tão estupidamente uma organisação tão bella. Além do quê, o fim foi muito rapido para o castigo ser grande.

A condessa ficou silenciosa, encarando-o com esse mixto de curiosidade, interesse e vaga apprehensão, que elle despertava sempre n'ella, que não era muito intelligente, mas tinha vivas susceptibilidades, e era isso da parte de elle que as aterrava e, todavia, as fascinava.

— Elle mette-me medo — disse ella depois a Adrianis. — Quasi sempre não se percebe o que quer dizer, mas a gente sente sempre a sua reserva de força.

Graves expressões eram estas para uma creatura frivola apaixonada do prazer. Ouviu-a opprimido Adrianis, mas foi leal ao homem que, no seu entender, lhe salvara a vida.

— E' pessoa de grande intelligencia — respondeu. — Ao pé de elle somos apenas pigmeus. Mas...

— Mas o quê?

— Empregou as suas faculdades para curar o meu corpo, e por isso não devo disputar sobre o emprego que elle faz de ellas. Comtudo, algumas vezes imagino que não tem coração. Penso que n'elle todas as forças lhe nutriram apenas o espirito, que é immenso. Talvez, porém, o seu coração se mirrou, á mingua de alimentação. Elle era capaz de dizer que estou a proferir tolices; mas creio que comprehendeis o que eu quero dizer.

— Creio que comprehendo — disse Veronica, pensativa.

Tinha pensado muito pouco na sua descuidosa juventude; começara a pensar mais desde que lhe tinham apparecido esses dois homens.

— Adrianis é digno de que o trateis melhor do que fazeis — lhe disse um dia a aia. — Por quanto tempo o trareis ainda a suspirar? Deveis lembrar-vos de que «quem espera desespera.» Um inferno!

— Um inferno? — disse Veronica, tornando-se córada. — Quereis dizer um paraiso!

— Paraiso dos tolos, talvez — retorquiu a outra. — E que faz aquelle outro homem aqui? Disse-me que estava contractado para uma universidade da Allemanha.

— Como posso eu dizer-vos o motivo porque qualquer de elles aqui está? — disse Veronica, maliciosamente, como a sua consciencia lh'o segredou. — Veneza attrae muita gente, sobretudo na primavera.

— O mesmo succede com a mulher na sua primavera — observou a aia, friamente, com um gesto de impaciencia.

— Estaes zangada commigo — disse Veronica, com tristeza.

— Não, minha querida, é tão inutil zangar-se uma pessoa comvosco como com um gatinho, porque elle, nos pulos que dá, quebra um vaso, cuja preciosidade ignora completamente.

Veronica Zaranegra nem se melindrou nem deu resposta. Conhecia que o vaso era precioso; não estava no seu animo quebra-lo; mas precisava de estar livre, ainda por algum tempo. O amor correspondido era doce, mas não era a liberdade. E aquillo de que ella se sentia envergonhada era de uma certa reluctancia, que a movia a deixar perceber a Damer que ella amava um homem de tão pouca força intellectual como Adrianis, que tinha apenas a sua formosura physica, um genio alegre e jovial, e bom coração.

«Não precisaes mais do que isso?» eis o que na sua imaginação lhe parecia dizer Damer pasmado a olhar para ella.

Quisilava-se comsigo mesmo por pensar n'elle ou na sua opinião; nem era da sua roda nem da sua posição social; era um homem que exercia uma profissão, um trabalhador, um professor; o natural orgulho de linhagem e o habito levavam-na a julgar que elle não tinha direito nenhum á sua attenção. E, comtudo, ella não podia deixar de ser influenciada por aquelle desdem das faculdades intellectuaes dos outros, que elle nunca tinha exprimido, mas que mostrava constantemente. A indecisão é o maior flagello das mulheres; a obstinação custa lhes muito, mas a indecisão ainda lhes custa mais. A vontade de Veronica tremia como uma luz ao vento, volteava por uma parte e por outra, como uma folha cahida n'uma rabanada de vento e chuva.

Andreis era para ella um encanto; a sua belleza, a sua alegria e as suas homenagens, tudo isso lhe era sympathico. Sabia que o amava, mas impedia-o de lh'o dizer; gostava da propria liberdade ultimamente adquirida; e não tinha necessidade de uma declaração que a obrigaria a decidir, por uma fórma ou por outra, o que faria do seu futuro. E, sem dar por isso, impressionava a o mal disfarçado desdem que o seu companheiro tinha por elle. Raras vezes se manifestava, mas era visivel em todas as expressões e a cada volver de olhos de Damer.

— E' bello, na verdade — lhe disse elle uma vez. — O mesmo se dá com um animal.

— Não gostaes de animaes?

— Não gosto nem desgosto. O geologo não gosta nem deixa de gostar das pedras que parte, o metallurgista não gosta nem deixa de gostar do metal que funde.

Não se aventurou a condessa a perguntar-lhe o que queria dizer; teve uma vaga concepção do seu pensamento, que lhe causou um calafrio, como taes respostas davam a Adrianis; calafrio semelhante ao que o vento norte, quando desce com as primeiras neves dos picos Dolomitas, dá ás flôres da madresilva suspensas das paredes de mar. Sem ser instruida ou dotada de grande cultura, tinha muito uso do mundo, e ouvira homens falar de sciencia, das suas pretensões e dos seus methodos, do seu muito amor proprio e tyrannia. E então puzera nos ouvidos os seus dedos côr de rosa, e deitara a fugir, quando elles falavam d'esse modo, mas ouvira essas taes cousas e lembrava-se d'ellas agora.

— Sois o que se chama um physiologista? — perguntou lhe ella uma vez, de subito.

Sou, sim, respondeu Damer.

Fitou-o por baixo das longas pestanas assetinadas, como uma creança fita o que a amedronta no lusco-fusco do expirar do dia. Elle attrahia-a e repellia-a como quando ella, ainda pequenina, tinha ficado a um tempo encantada e aterrada

com as grandes e phantasmagoricas figuras das tapeçarias, e os bustos alvos e fuscos dos deuses e dos sabios na escada grande da casa de seu pae no Trentino. Gostaria de perguntar-lhe muitas cousas, cousas de mysterio e de horror, mas tinha medo. No fim de contas, quanto melhor não era o mar, o esplendor do sol, as rosas bravas, as barcarolas, o riso, o bandolim!

Voltou se para Andreis, que n'esse momento caminhava ao longo da praia, com as mãos cheias de despojos das hervas floridas; tornou para elle como quando em creança, na escada, ao escurecer, tinha corrido a procurar um abrigo de uma sala aquecida e illuminada. O principe era da mesma terra que ella, da sua mesma edade, do mesmo temperamento; onde elle estava não faltava alegria, uma atmosphera de juventude; e tinha a mesma posição que ella, era rico como ella, e ainda mais do que ella. Não havia laivos de interesse no amor que elle lhe dedicava, a paixão que ella lhe tinha causado era pura de toda a liga; era o amor dos poetas e dos cantores. Se ella lhe correspondesse, o seu caminho, desde a mocidade até annos mais adeantados, seria semelhante a um d'esses prados floridos da sua Sicilia, que enchem de perfume o dia claro e limpo de nuvens.

Sabia isso, estava decidida a pisar a relva matizada de narcisos, mas, por uma indizivel indecisão e capricho, não lhe permittia chamal-o para esse caminho. Evitava ou elidia as palavras derradeiras que os teriam unido ou separado.

Uma e muitas vezes, quando se não podia addiar esse instante de decisão, apparecia o vulto sombrio de Damer, como na occasião em que no fecho do collar se tinham emmaranhado os pequenos caracoes da nuca.

Podia ser acaso; podia ser premeditação; mas elle estava sempre n'esses momentos em que o coração de Adrianis lhe saltava para os olhos e para a bôca, e chamava pelo d'ella.

(Continúa).

ALBERTO TELLES.

TELAS DA VIDA

POR

Alfredo Pinto (Sacavem)

As producções litterarias hoje em dia, sobretudo em Portugal, não são obra de *cunho*, obra forte, como dizia o meu velho professor, Sampaio. São esbocetos de quadros, deliniamentos incompletos de paizagem e de costumes.

A litteratura portugueza, é a mais rica, em assumptos, já regionaes, já em historia, onde se podem descrever maravilhas; mas o cultor das lettras, quer seja prosador, quer seja poeta, geralmente não procura ahi, o melhor filão..

Não quer embrenhar o seu pensamento em estudos que lhe soneguem tempo. Não por que lhe falte o quadro, que afinal está sempre completo e côlorido, como já disse, mas, é que o temperamento meridional, é um caracter franzino, fraco, suggestiona-se breve e o espirito doentio, fenece, ou fal-o esquecer bem depressa, a impressão que aos seus olhos se apresenta.

Por isso, não espereis vêr surgir da litteratura portugueza um livro forte, um livro sem a pieguice nem o quebrantamento do estylo ou da frase.

Esse foi longe, e tão longe, que já não podemos escrever, sem dizer, que não volta a brilhar em lingua portugueza, estylo e arte, como a que fez brotar da penna genial, aquelles, que escreviam á luz amarelenta da candeia a *Mocidade de D. João V* e o outro, que escrevia o *Prato de arroz doce* — o primeiro, Rebello da Silva, o segundo, Teixeira de Vasconcellos.

Reina só a fantasia, mas a fantasia chã!

O progresso hoje em dia, é tão rapido em varias coisas, como rapida é a transmissão pela telegrafia sem fio Marconi. E o povo portuguez, que tudo emita sem cuidado, e sem vêr, se está na sua indole, deixa-se arrastar; e eil-o ahi estacionario; sem força propria, e o marasmo, apertalhe os pulsos de tal forma que se deixa matar, gesticulando em altas vozes que foi um povo guerreiro e que conquistou metade do globo terrestre!

Por isso' leitor meu, o progresso tambem invadiu a litteratura, uma mais do que outras, a nossa, por exemplo, foi das que mais se recentiu, e hoje, não ha auctor que dê á publicidade, paginas eguaes, ou parecidas áquelle, que criou o conselheiro Acacio — Eça de Queiroz.

O preludio das *Telas da Vida*, é um esquiço formoso para uma descripção, mas vae decahindo sem arte, por que lhe falta a correcção suprema. Os restantes escriptos, são pequeninos quadros floridos, cheios de imagens encantadoras, e denotando no seu auctor, um desejo de illuminar fortemente com tintas bellas, e se o não fez, é que o *arauto* da gazeta elogiou o trabalho em embryão; e elle, mal viu o quadro a meia luz, pôl-o para destaque. *Elle* não tem culpa.

Mas é preciso que o auctor não se deixe enlevar no arrebatamento do elogio *reputiano*. Pense primeiro, que o leitor, o publico, o que compra a obra—*é a critica cá da terra* (!) — exige do auctor do livro, paginas com vida, effervescencia grandiloqua e exposição perfeita. E d'isto alguma coisa falta nas *Telas da Vida*.

As fantasias que coloriram as paginas, são idealisações dilectas do auctor. São pedaços de horas felizes em que o sonho o deixou encantado em momentos deleitosos.

O ultimo quadro, é historico, é uma rosa ébúrnea que viveu largo tempo no seu peito e o fez andar pelas regiões etérias da suprema Ventura!

Os arrebatamentos, a febre queimon-o tanto, que *elle*, teve delirios, e imaginou-se um cavalleiro, por soes de imponderaveis céus.

Eu, na minha prosa chã, não posso dizer-te, amigo Alfredo, o que vale o livro, mas como desejas, ahi vae n'este desataviado.

Ha imagens, ha fantasias, ha carinhos, e horas de prazer e d'amargura, que não se contam, que não se dizem, pertencem ao intimo de cada um, por isso, não se revêlam. O mundo, uma vês que as conhece, come lhe a côr, e as flores expostas ás inclemencias do tempo e do mundo, perdem toda a religiosidade, toda a unção suprema que ellas possam ter.

O publico, deve gostar da tua obra — o letrado—pela fantasia florida e mystica, esperando vêr, ao voltar a pagina, novos encantos.

De resto, o livro, é um elegante volume optimamente impresso na Livraria Ferin, e ornado de bellas fotogravuras, devidas ao lapis de Candido da Silva, um rapaz de talento.

Ao finalisar este modesto artiguito, declaro, mais uma vez, que a prosa de Alfredo Pinto (Sacavem) denota muita leitura e desejo de progredir, e que, escrevendo com cuidado, terá esporas d'oiro.

Não vejas, n'estas linhas, o desejo de dizer mal, nem tão pouco o desejo de adular, digo o que sinto, assim fossem todos e seria um incitamento ao nosso trabalho.

Com a publicação do retrato as minhas homenagens.

VENTURA ABRANTES.

O MEZ METEOROLOGICO

Junho 1908

Barometro. — Max. altura 767^{mm},7 em 19.
» Min. » 755^{mm},8 em 2.

Thermometro. — Max. altura 29°,9 em 9.
» Min. » 12°,2 em 19.

A temperatura durante o mez esteve em geral baixa. O thermometro não chegou a attingir 30°. Em 2 a maxima foi de 16°,0 e a minina de 13°,0 com uma media de 14°,36, uma das mais baixas medias de junho.

Chuva — 57^{mm},0 em 8 dias, sendo em 2,7 a altura pluviometrica de 27^{mm}4, e em 15, de 16^{mm},2, com trovada.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 11 dias.
» Nublado 16 dias.
» Encoberto 3 dias.

Trovões — Em 3.

Trovoada — Em 15.

A campanha dos Cuamatos, por David Martins de Lima. — Livraria Ferreira, Editora. — Lisboa. — 1908.

Texto de 227 paginas acompanhado de 18 estampas, no numero das quaes figura o retrato do auctor. Martins de Lima, que fez parte da expedição como soldado de infantaria 12, dá conta de tudo o que occorreu e a que assistiu desde a partida de Lisboa até ao regresso triumphante das tropas.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Memorias d'um policia amador, por A. Conan Doyle. — Versão de Manuel de Macedo.

E' este o quarto volume publicado da suggestiva collecção e, como os anteriores traz insértas varias gravuras elucidativas do seu texto, que comprehende dois casos:

A firma dos quatro e *O dedo pollegar do engenheiro*, isto, em 180 paginas de leitura interessante.

Poeira de Paris, por Justino de Montalvão.

N'este volume de 218 paginas de texto, que abre um formoso prefacio devido á penna do inspirado poeta Guerra Junqueiro, o leitor vê e palpa em 27 curtos mas empolgantes capitulos o proprio objecto da prosa do auctor ao confiar ao papel as impressões que se lhe gravaram na alma durante a sua digressão pela cidade do Sêna, antiga *Lutécia*, de Juliano.

Portugal *Diccionario historico, corografico, etc.* — Torres & C.ª editores. — Lisboa, rua Alexandre Herculano.

Continúa publicando-se com toda a regularidade esta importante obra, que tem tido a melhor acceitação do publico illustrado.

Dedos de prosa, por J. Eustachio de Azevedo (Jacques Rolla). — Empresa Litteraria e Typographica, Editora. — Porto. — 1908.

No inicio da obra, isto é, na sua portada exterior se é permittida similhante expressão, transcreveu o auctor as seguintes linhas firmadas por Domicio da Gama:

«São historias curtas, são paginas destacadas do grande romance da vida, em que todos nós collaboramos, e que alguns mais ambiciosos pretendem escrever sósinhos.»

Ora, com effeito, compõem o texto da citada

obra, um volume de 262 paginas, vinte e oito — historias curtas — por entre as quaes avulta, sem embargo de posivel fantasia, o quadro da vida real com todos os segredos da psychologia e com todos os tons da comedia ou do romance a valer.

O auctor, para nós desconhecido, mostra-se firme na observação e delicado da frase.

NECROLOGIA

Coronel Manoel de Sousa Machado

Em 1900 escrevia se nas paginas do OCCIDENTE (1) a proposito do major Sousa Machado, que voltava da campanha de Mataca: «E' mais um nome para escrever com letras de oiro».

Hoje temos que escrever: E' mais um heroe que baixou ao tumulo.

O coronel Manoel de Sousa Machado pertence ao numero desses valorosos portuguêses, que nos tempos modernos tem sustentado o tradicional prestigio de nossas armas nas dificeis campanhas de Africa. Dos mais valorosos elle foi, desde que iniciou a sua primeira campanha no Kuambo, em que logo se cobriu de gloria, até á de Mataca, com que vingou denodadamente o cruel assassinato do tenente Valadim no Nyassa.

Essa campanha foi um assombro, não só pela exiguidade da expedição que se defrontou com inimigo tão numeroso, mas ainda pelo desconhecido do país do Nyassa, em que teve de operar, efétuando penosas marchas de mais de quinhentos kilometros, sob o sol abrazador e sem agua potavel.

(1) Vol XXIII, pags. 18 e 19, n.º 759 de 30 de janeiro de 1900.

CORONEL MANOEL DE SOUSA MACHADO

Boeres e inglêses reconheceram o heroismo do, então, major Sousa Machado, em telegramas que o governo da Republica Sul Africana e o comissario inglês, enviaram ao governador geral de Moçambique, celebrando o alto feito praticado pelo valente oficial português, e mais pela columna do seu comando.

Essa gloriosa campanha realisou se em condições bem extraordinarias, não só pelo que já referimos, mas tambem por ter sacrificado o menor numero de vidas dos expedicionarios, conseguindo que nenhum dos combatentes fosse, sequer, ferido, e uns sete que morreram, incluindo o capitão Braklamy de infanteria 5, foram vitimas das febres e outros acidentes.

Sousa Machado explicava este milagre, evitando quanto possivel expor os seus soldados em condições menos favoraveis, e dizia: «Creio que não tinha outra coisa a fazer, primeiro por dever de humanidade, e segundo porque eu não podia perder soldados que me era impossivel substituir.»

Foi n'esta campanha que Sousa Machado ganhou a comenda da Torre e Espada conferida pelo governo em decreto de 25 de janeiro de 1900.

Manoel de Sousa Machado, nasceu em 1850 e em 1873 foi promovido a alferes, seguindo todos os postos da sua arma até ao de coronel, em 1904, passando a comandar o regimento de infanteria 1.

Foi neste posto que a morte o surpreendeu no dia 11 do corrente, vitimando-o uma congestão cerebral.

Era ajudante de campo honorario de Sua Magestade El-Rei e condecorado com a comenda da Torre e Espada, como ficou dito, de S. Bento de Aviz, por distinção de serviços, oficial de S. Thiago, possuindo tambem a medalha de prata de comportamento exemplar, e medalha de oiro comemorativa da expedição do Nyassa.

Todas estas distinções foram merecidas e assentavam bem no peito do valente oficial, honra do exercito português.

Parque Vaccinogenico de Lisboa

Brevemente estará effectuada a mudança da Calçada do Marquez de Abrantes, 62 a 68 para a Avenida D. Amelia, 30, onde se está procedendo a nova installação com todas as disposições apropriadas desde os inicios da edificação principal e das suas dependencias, e de que esta revista se occupará n'um dos proximos numeros.